



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

LUISA RIBEIRO VAZ

EU E O OUTRO: OS VÍNCULOS E DESVÍNCULOS QUE AFETAM AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM “PAI CONTRA MÃE” E *O ALIENISTA*, DE
MACHADO DE ASSIS

RIO DE JANEIRO

2019

LUISA RIBEIRO VAZ

EU E O OUTRO: OS VÍNCULOS E DESVÍNCULOS QUE AFETAM AS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM “PAI CONTRA MÃE” E *O ALIENISTA*, DE
MACHADO DE ASSIS

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciatura em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientadora: Anélia Montechiari Pietrani

RIO DE JANEIRO

2019

RESUMO

Esta monografia pretende discutir as críticas sociais e as metáforas de poder em Machado de Assis, especialmente com relação às múltiplas facetas adotadas pelo ser humano e à capacidade de um ser afetar o outro. Para tanto, o conto “Pai contra mãe” e a novela *O alienista* serão comparados, tendo como metodologia a análise dessas obras e de teóricos que abordem esses aspectos. O objetivo é mostrar como a literatura machadiana é capaz de mediar o real, uma vez que ela trata sobre diversas questões concernentes ao cotidiano das pessoas, com assuntos que comandam os vínculos interpessoais. Nas produções de Machado, as denúncias de aspectos negativos relativos à sociedade, as escolhas lexicais, a ironia, a memória e a história uniram-se e abriram caminhos, sendo a literatura a arte capaz de percorrer e intervir nessa estrada.

Palavras-chave: Machado de Assis, “Pai contra mãe”, *O alienista*, crítica social, afeto, poder.

ABSTRACT

This monograph intends to discuss the social relations and power metaphors in Machado de Assis, especially towards the multiple facets adopted by human beings and the ability of one affects the other. To achieve this, the short story “Pai contra Mãe” and the novel *O alienista* will be compared, using as methodology the analysis of these works and some theorists that address these aspects. The aim is to show how Machado’s literature is able to mediate the real, since it deals with various issues concerning people’s daily lives, with issues that govern interpersonal bonds. In Machado’s work, the denunciations of negative aspects related to society, the lexical choices, the irony, the memory and history are linked opening pathways, and literature is the art capable of going through and intervening on this road.

Keywords: Machado de Assis, “Pai contra mãe”, *O alienista*, social critic, affection, power.

Sumário

Introdução	6
1 Teoria sobre o conto e a novela	7
2 As denúncias e críticas sociais por meio da ironia	10
3 Os comportamentos e a duplicidade de caráter da natureza humana	14
4 As metáforas de poder	22
5 Análise comparativa dos personagens: o outro que não me afeta	27
Considerações finais	31
Referências bibliográficas	3

Introdução

Considerando que pensar sobre Machado de Assis e suas obras é um desdobrar-se que precisa ser feito com muita cautela, este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a uma análise comparativa entre o conto “Pai contra mãe” (1906) e a novela *O alienista* (1882), de Machado de Assis, pois presta-se à preocupação em analisar os pormenores dessas obras, a fim de encontrar aspectos em comum. Machado, sob um olhar crítico, toca em questões delicadas que são concernentes à sociedade brasileira, sendo esse um dos pontos que o faz ser singular na literatura nacional.

A psiquê humana é o cerne presente nas duas narrativas. É, ainda, o que interliga as obras, sendo o segundo motivo que resulta na escolha deste Trabalho de Conclusão de Curso ser voltado para o campo da literatura comparada. O primeiro tem origem na forma como o conto e a novela afetam o leitor, a capacidade de desconcertar e tirá-lo da zona de conforto. Isso acontece porque em “Pai contra mãe” é possível notar como a mazela humana do egoísmo afeta negativamente duas vidas: uma da mãe grávida e escrava que só queria a perpetuação de sua espécie, mas que é impedida disso por um caçador de escravos ao entregá-la ao seu “senhor”, e a outra é a do filho dessa mulher que morre ainda no ventre. A crueldade no trato com o outro, a ganância e a dupla personalidade também compõem o cenário psicológico dos personagens de acordo com a realidade vivenciada por cada um dentro dessa obra.

O alienista volta-se para um dos sentimentos mais inerentes ao ser humano, o ego. Em busca de conhecimento e reconhecimento, um rico doutor estuda o cérebro humano e acha por bem privar as pessoas de seu convívio social por julgar que elas não são normais ao seu ver. O interesse está a todo momento rodeando a novela, o que resulta em desentendimentos e, ao fim, percebe-se que o alienista precisa ser o seu próprio objeto de estudo, pois ninguém melhor que o miserável para conhecer a sua miséria. O ser humano, palco de tensões éticas e morais, é o objeto de estudo deste trabalho, bem como as questões que resultam das relações interpessoais.

Sendo assim, esta pesquisa dissertará sobre os comportamentos humanos, os jogos pelo poder social e econômico, as críticas sociais implícitas nos textos e a forma como Machado de Assis traz para o plano da ficção temas tão recorrentes no real, articulando as duas esferas.

1. Teoria sobre o conto e a novela

O escritor argentino Ricardo Piglia em seu livro *Formas Breves* (1999) afirma que “um conto sempre conta duas histórias”. (Piglia: 1999, 89) A ideia contida nesse trecho é a de que o gênero textual conto é constituído por um primeiro plano, que é a história um, e o segundo plano, a história dois. Nessa premissa parece não haver muitos mistérios para que possa ser compreendida, mas ela exige que o contista saiba registrar a história dois nos pequenos espaços que compõem o todo da história um. Desse modo, a narrativa que está mais visível encobre a que está por trás, sendo contada de forma subjacente e segmentada. Nesse sentido, o fascínio acontece quando o fim da história dois fica evidente no primeiro plano da narrativa. Em um conto o que fundamenta a sua construção são os pormenores que estão na interseção entre as duas histórias.

No conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, a história contada no primeiro plano é a do caçador de escravos Cândido Neves, homem simples e pobre, que passava os seus dias procurando emprego e realizando pequenos trabalhos, mas sem conseguir fixar-se em nenhum. O protagonista conhece a jovem Clara e decide, juntamente com ela, casar e ter filho, mas “Eles queriam um, um só, embora viesse agravar a necessidade” (Assis: 1997, 104). Porém, a futura esposa de Cândido trabalha como costureira, assim como a sua Tia Mônica, e isso não seria o suficiente para sustentar a criança que estaria por vir. Os amantes se casam e Clara engravida. Agora, mais do que antes, o pai precisava de um ofício que garantisse o bem-estar do bebê e, assim, a história que está sendo relatada em segundo plano parece ficar menos desconhecida do leitor, ainda que ela esteja sendo contada desde o início do conto.

Nessa perspectiva, o que aparentemente é dispensável em um plano da narrativa é essencial no outro. Assim, no conto, o narrador inicia falando sobre os horrores que a escravidão causara, bem como os instrumentos utilizados por ela para castigar os escravos. Esse fato é a causa responsável por apresentar o personagem Cândido Neves, pois “(...) Candinho, — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos” (Assis: 1997, 103). Com isso, a profissão do protagonista era resultado do sistema escravocrata; por isso, precisara praticar as mais horrendas ações a fim de executar o seu trabalho. Para tal, ele não mediria esforços mesmo que isso custasse a vida de outra pessoa.

É considerando esse aspecto da ocupação de Cândido que a história dois está sendo contada a todo momento, uma vez que ela é construída com o não-dito, as inferências e o subentendido. O caçador de escravos em um dos seus momentos de maior necessidade financeira sai em busca de uma escrava fugida, que ele viu num anúncio, a fim de capturá-la. Ele consegue, mas Arminda, a vítima, está grávida e implora que Cândido a deixe ir e, até mesmo, chega a se oferecer para ser sua escrava. Contudo, o pedido é negado, a mulher é entregue ao seu senhor e, infelizmente, a criança é abortada porque a mãe fez intensos esforços para não voltar para onde fugiu.

A história dois, na verdade, é a denúncia feita por Machado de Assis acerca do quão decadente o ser humano é, a força que o instinto de sobrevivência exerce sobre as relações e, nessa disputa, os indícios de quem vencerá essa luta aparecem desde o início do conto. A temática da escravidão, o empenho de Cândido em capturar escravos e o fato de Arminda ser negra e estar grávida são evidências importantes do resultado desse embate, uma vez que “há algo no final que estava na origem, e a arte de narrar consiste em posterga-lo, mantê-lo em segredo, até revela-lo quando ninguém o espera” (Piglia: 1999, 107). Somado a isso está o fator social e racial, uma vez que a instituição escravocrata ordenava, basicamente, a hierarquia entre burgueses e latifundiários, homens livres e escravos, estando Arminda na base dessa pirâmide. Machado, nesse conto, evidencia essas posições ocupadas por quem possui o poder de decisão e aquele que é apenas o subalterno, sendo senhores de escravos e, conseqüentemente ricos, os responsáveis por dominar os instrumentos de tortura descritos nas primeiras linhas da narrativa. Assim, a frase dita por Cândido no final do conto, “—Nem todas as crianças vingam” (Assis: 1997, 112), mostra a história que é construída com o cenário horrendo que a escravidão causou, condensando num homem e numa cena o destino de milhares de escravos.

De igual modo, apesar se tratar-se de uma novela, e não um conto, *O alienista* conta duas histórias. A que está em primeiro plano é a do doutor Simão Bacamarte, importante médico da patologia cerebral, que faz de Itaguaí o seu campo de estudos. Após casar-se com D. Evaristo por meros interesses de que ela lhe dê filhos, o doutor decepçiona-se porque sua esposa não realiza esse seu desejo. Desde então, o alienista entrega-se aos estudos científicos, fazendo disso o maior objeto de ocupação do seu tempo. Ele conta com o apoio e autorização da Câmara dos Vereadores para construir a Casa Verde, o sanatório, que servirá para abrigar os pacientes que, segundo Simão,

possuírem algum desvio de comportamento psicológico. Entre algumas teorias estudadas, o médico interna muitas pessoas e, depois de determinado tempo, resolve devolvê-las às suas famílias. Contudo, diagnosticava outros indivíduos e os encerrava na Casa Verde.

As alterações acerca das teorias são constantes e a narrativa desenvolve-se sob a tensão causada por isso. Diante disso, a novela cria dois estratos de leitura, pois é possível ler a história um apenas com tom divertido, considerando que é muito bem contada, mas que em pouco tempo será esquecida, servindo para entretenimento. Porém, analisando mais profundamente é possível notar a história dois sendo contada nos interstícios da história um. A ciência e a loucura, elementos dominantes no primeiro plano, são questões que tratam do tema presente no segundo plano. A crítica ao cientificismo da época, as relações de poder estabelecidas entre Simão Bacamarte e o governo, na figura da Câmara, os interesses pessoais, as estratégias de dominação do povo são os temas subjacentes que estão na história dois e que são dignos de atenção.

Para ver além do que está visível em *O alienista*, é preciso que o leitor possua o olhar crítico voltado para o fato de que tantas alterações científicas feitas por Simão uma hora ou outra iria resultar em sua própria internação ao final do conto. O narrador machadiano em nenhum momento diz que o final do alienista seria esse, mas deixa indícios que parecem dizer que o leitor já saberia isso. A novela é construída para desvendar, superficialmente, algo que estava oculto para que o final dê sentido ao que estava fragmentado, ou seja, as explicações para o motivo do alienista sempre conseguir tudo o que queria; revelando, assim, o poderio de pessoas que ocupam determinadas camadas sociais.

2. As denúncias e críticas sociais por meio da ironia

“Pai contra mãe”, de Machado de Assis, está inserido no livro *Relíquias da Casa Velha*, publicado em 1906. A importância desse conto inicia-se na sua datação, pois ocorreu dezoito anos após a abolição da escravatura no Brasil pela Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. Atendo-se a essa questão, aponta o passado escravista do país e evidencia as mazelas as quais milhares de pessoas eram submetidas em prol do mercado, do lucro; a saber: os escravos. Além de escritor, Machado era um burocrata do Ministério da Agricultura e manteve-se fiel ao abolicionismo, visando que a Lei do Ventre Livre fosse aplicada rigorosamente. Dessa forma, conseguiu libertar muitos escravos e foi um defensor da causa desses que desconheciam a liberdade, a compaixão, as refeições dignas, as letras; desconheciam o viver, apenas sabiam existir.

Dau Bastos, em seu livro *Machado de Assis: num recanto, um mundo inteiro* apresenta o que Francisco de Paula Barros diz em *Il Brasile*:

a liberdade de milhares de escravos, liberdade que provinha da fiscalização vigilante dos dinheiros públicos, e da qual resultaram o grande aumento no número das alforrias pela diminuição do exagerado valor do escravo, pela irregularidade da matrícula e não-cumprimento dos preceitos legais (Bastos: 2008, 152).

Nesse momento, Machado era chefe da seção, além de liderar alguns funcionários, que possibilitou o que está relatado por Francisco. A face abolicionista de Machado de Assis também estava no contato que mantinha com outros homens de mesmo posicionamento, tais como Raul Pompéia. O autor de “Pai contra mãe” tratou da questão da liberdade dos escravos em outras crônicas, novelas, peças e poemas.

O público que não está habituado ao estilo machadiano de tecer críticas, provavelmente encontraria nas palavras do narrador uma defesa da escravidão no conto “Pai contra mãe” e, posteriormente, será possível notar que a defesa do absurdo parece acontecer também na novela *O alienista*. Nesse sentido, é válido considerar o que Eduardo de Assis, organizador da antologia *Machado de Assis afrodescendente*, diz sobre a importância de se “(...) destacar que o perfil de indiferente ou de omissos perante os

problemas de seu tempo é, antes de tudo, uma leitura e, como tal, uma construção, fruto de recepção literária, e sujeita a contestações inúmeras” (2007, 9).

Contudo, os relatos sobre as condições sub-humanas, a imposição e exploração de poder e o caos que era o sistema escravocrata, são apontados com um tom de ironia que se confunde com o conformismo por parte do narrador machadiano. Isso é perceptível no seguinte trecho do conto:

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói (Assis: 1997, 102).

A todo momento e em pequenas expressões a realidade vivenciada pelo negro era apontada, a narrativa mostra que qualquer coisa estava acima daquelas pessoas escravas, principalmente o lucro, o dinheiro. Afinal, até os castigos eram aplicados moderadamente visando não deteriorar aquele objeto de uso, uma vez que isso causaria grandes custos aos seus senhores para recuperá-lo, e gastar dinheiro com a saúde daqueles subalternos era inadmissível; assim pensavam os donos de escravos como bem lê-se em “(...) o sentimento de propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói” (Assis: 1997, 102). Do trecho destacado acima, vale ressaltar as orações “e nem todos gostavam” e “o mesmo dono não era mau”, os advérbios “com frequência”, “ocasionalmente” e “apenas”, uma vez que funcionam como recursos irônicos, mas que ao mesmo tempo ocultam crítica social feita pelo narrador machadiano.

Esses primeiros instantes de denúncia em “Pai contra mãe” dialogam com a consideração citada pelo antropólogo e professor Kabengele Munanga, nascido no Congo, em seu livro *Negritude: usos e sentidos*. Kabengele destaca o raciocínio de um importante cientista francês, Paul Broca, que diz:

Para Paul Broca, traços morfológicos, tais como o prognatismo, a cor da pele tendendo à escura e o cabelo crespo estariam frequentemente associados à inferioridade, enquanto a pele clara, o

cabelo liso e o rosto ortognato seriam atributos comuns aos povos mais elevados da espécie humana. Jamais uma nação de pele escura, cabelo crespo e rosto prógnato chegaria espontaneamente à civilização. Pescoço, nariz, pernas, dedos e órgãos sexuais do negro foram analisados e considerados provas de sua diminuição intelectual, moral, social, política, etc (Munanga: 2009, 33).

Partindo desse pensamento, é possível compreender que os transtornos impostos aos negros, mostrados no conto, advém de questões que perpassam a ideia do “ter sempre mais”, é muito mais profundo, é o olhar de uma raça de pessoas, os brancos, sobre outra raça, os negros, com a lógica de ter sempre mais sobre o outro que não é nada socialmente; e isso quem vai ditar é o tom da pele. A noção de propriedade é o cerne dessa ideia que se estabeleceu sem fundamentos cabíveis e que, infelizmente, ainda se sustenta no século XXI, mascarado em suas manifestações, mas existentes.

Nesse sentido, o estilo irônico cultivado por Machado em seus textos acaba por dificultar que o leitor perceba os posicionamentos ideológicos e políticos do autor, pois a ambiguidade e a ironia são elementos dissimuladores em suas obras. O primeiro dá-se porque nem sempre é possível apontar o que o escritor defende e o segundo é a causa do primeiro elemento. Como crítico, sujeita tudo à ironia e é por meio dela que revela como o ser humano é frágil e pequeno. Por essa ótica, a novela *O alienista*, assim como o conto “Pai contra mãe”, constitui uma narrativa repleta de reflexões que, por colocar em evidência a existência, igualmente acaba por questionar a bondade e lucidez humanas.

O estado de submissão da população de Itaguaí à ciência na figura do doutor Simão Bacamarte, o protagonista, é um fator que se desenvolve ao longo de toda a narrativa. A célebre novela *O alienista* ironiza a oscilação a qual o ser humano está sujeito por viver, constantemente, alterando suas visões de mundo, teorias e crenças ao buscar a verdade. É na ciência, área que ocupa toda a vida do doutor, que Simão se apoia para “delimitar os limites da razão e da loucura”, classificando os habitantes da cidade, que estão internados na Casa Verde, primeiramente, em “os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, “monomanias, delírios, alucinações diversas” (Assis: 1997, 45). Nesse momento, a crítica social vai de encontro à medicina da época devido aos seus exageros e arbitrariedade classificatória, o que, na novela, acaba por implantar o terror, pois:

Tudo era loucura. Os cultores de enigmas, os fabricantes de charadas, de anagramas, de maldizentes, os curiosos da vida alheia, os que põem todo seu cuidado na tafularia, um ou outro almotacé enfunado, ninguém escapava dos emissários do alienista [...] Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para completa sanidade mental (Assis: 1997, 74).

A instabilidade do doutor Simão em suas teorias é um fator que abre espaço para que a ironia se realize por meio da ambiguidade, uma vez que a classificação dos internos da Casa Verde em “loucos e mansos” foi apenas uma das primeiras realizadas em nome da ciência. Após estudar esses casos, os primeiros pacientes foram liberados para voltarem a viver em sociedade, mas outras teorias foram sendo criadas, o que fez com que muitos outros habitantes de Itaguaí fossem internados, até mesmo a esposa de Simão, D. Evarista. Nesse sentido, a ironia e a ambiguidade apontam questionamentos, tais como: a genialidade do alienista faz dele um visionário que extrapola os limites do seu tempo? Ou, realmente, ele era o único louco? Estaria aproveitando-se da população daquela cidade? Essas interrogações tecem toda a linha dramática da novela, mas que, dificilmente, encontrarão respostas precisas, assim como nada é definitivo na narrativa.

As oscilantes teorias desse homem da ciência atingem o seu auge ao constatar que todos os reclusos, na verdade, eram pessoas sãs, fazendo com que Simão percebesse que era o próprio objeto de estudo da mente humana; assim, internou-se na Casa Verde. A transformação dos que antes eram considerados loucos e que depois perdem esse status, juntamente com a internação do personagem Bacamarte, gera a inversão irônica na narrativa, pois ele passa a ser o único insano num lugar em que não existem mais pessoas loucas. Sendo assim, a crítica social machadiana não aponta apenas para a ciência da época que era falha e arbitrária, mas atinge uma sociedade fundamentada em morais, éticas e conceitos contraditórios.

3. Os comportamentos e a duplicidade de caráter da natureza humana

É inserido na sociedade escravista que a história de Cândido Neves, o principal personagem do conto, se desenvolve. A narrativa não fornece informações sobre os aspectos físicos deste homem, mas analisando e considerando o significado de seu nome e sobrenome, além do fato de Cândido Neves não ser descrito como um escravo quanto a sua função na sociedade, é possível perceber que se trata de um homem branco. Cândido tem origem no Latim, *Candidus*, e quer dizer *alvo*, além de *ingênuo* e *inocente* e o seu sobrenome Neves remete a *neve*, ou seja, a pureza e a clareza de sua raça estão aí representadas. Durante o conto, novamente, o significado do nome de um personagem norteia as suas características psicológicas e comportamentais, bem como o nome de ruas e o sentido que elas representam na história.

As funções desempenhadas por Cândido e as suas condições financeiras revelam as reais dificuldades de um trabalhador livre em conseguir um emprego que lhe possibilitasse o sustento sem maiores preocupações ou oscilações de oportunidades. Esse é mais um aspecto da denúncia de Machado de Assis, pois o contexto da escravidão não fornecia condições favoráveis ao trabalho para ninguém e, assim, Cândido Neves estava sujeito ao ofício de caçador de escravos, algo muito comum neste período. Assim, ele é descrito como um homem que:

(...) cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave este homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava de caiporismo (Assis: 1997, 103).

O fato de as poucas ofertas de emprego na sociedade escravista, aliada à falta de interesse de Cândido em permanecer exercendo determinada função, como lê-se em: “Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos” (Assis:1997,103), desencadeia o panorama social que resulta em situações de barbárie como conservadora de uma “ordem” por meio da busca pela sobrevivência de homens livres, como Cândido, que tiravam o

seu sustento da vida do outro. Assim era executada a função do caçador de escravos que, no conto, atinge o ponto máximo da crueldade.

Machado de Assis refere-se novamente à questão do trabalho livre no Brasil na sociedade escravista na crônica “19 de Maio de 1888”, cujo personagem principal é Pancrácio, um negro recém liberto que ganhou a alforria, moradia e uma quantia em dinheiro de seu senhor em troca de serviços prestados. Contudo, o conceito de liberdade é posto em pauta através das denúncias feitas pelo narrador sobre as condições e a posição em que se encontrava Pancrácio e, neste ponto, a crônica se assemelha a história de Cândido Neves. Esse homem comporta-se como Pancrácio, um recém liberto, sujeito a sobreviver sempre do pouco de dinheiro que os senhores de escravos davam. Cândido era livre apenas no âmbito legal, porque por dinheiro era capaz de tudo, o dinheiro o fazia, ele era refém disso dada a sua realidade, porque era capaz até mesmo de matar uma criança que não veio ao mundo, como o fez. A situação de miséria moral em que Candinho se encontrou quando fez isso, o colocava no mesmo lugar que Pancrácio ao aceitar determinadas humilhações de seu senhor em troca de um pouco de dinheiro, pois o tratamento que recebia é reconhecido pelo próprio homem que o concedeu a alforria ao dizer:

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí pra cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre (Assis: 1889, 02).

Outra característica de Cândido Neves é o seu duplo comportamento, pois as suas atitudes mudavam de acordo com a pessoa a qual se dirigia em dado momento. No seio familiar isso mostra-se de forma evidente até mesmo no tratamento que recebe, uma vez

que a Tia Mônica e a jovem Clara, sua esposa, o chamam de Candinho acentuando o seu modo sereno de portar-se diante delas. Ao ser interrogado de forma áspera por Tia Mônica sobre não possuir um emprego fixo, Cândido apenas a responde sem demonstrar maiores sinais de fúria, ainda que esse assunto o tenha atingido: “Cândido Neves, logo que soube daquela advertência, foi ter com a tia, não áspero, mas muito menos manso do que de costume, e lhe perguntou se já algum dia deixara de comer” (Assis: 1997, 105). Outro trecho do conto que revela esse primeiro momento mais calmo de Cândido dá-se quando o dono da casa em que moravam de aluguel a Tia Mônica, Clara e o próprio Cândido, vai cobrar o valor atrasado do imóvel. Nesse momento o narrador diz que: “(...) e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo” (Assis:1997, 108). O adjetivo “pobre” reforça a sua posição inferior e a impotência diante do credor e daquela situação. Desse modo, é perceptível que Cândido apresentava o comportamento moderado quando lidava com alguém igual ou superior a ele.

Entretanto, o contrário ocorria quando precisava exercer a sua força na execução do seu ofício de caçador de escravos. A sua atuação em sociedade era marcada, no conto, desde a sua citação por nome completo, Cândido Neves, até a imposição da autoridade sobre algum escravo fugido:

Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também (...) Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencia sem o menor arranhão (Assis:1997, 106).

As oscilações de comportamento fizeram com que Cândido tratasse asperamente a Tia Mônica em um dado momento. Essa mulher era tia de Clara, jovem que se apaixonou por Cândido, e ele por ela, resultando num casamento. O sonho de se tornarem pais crescia e, assim, Clara ficou grávida e a criança veio ao mundo. Contudo, o casal não tinha condições financeiras favoráveis para sustentar essa nova vida. É neste ponto que Tia Mônica atua de forma mais enérgica. A sua primeira fala no conto já revela traços negativos de sua atuação na história em relação à criança ao declarar que: “—Vocês, se

tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha” (Assis:1997, 104). A origem do nome “Mônica” está no *latim*, *moneo*, e quer dizer *conselheiro*, e é esse o papel que ela desencadeia no conto. Ao saber que o bebê viria ao mundo, a sua reação foi de perplexidade e, após isto, estava sempre a incitar os pensamentos negativos. Seja em diálogos com a sobrinha Clara:

— Vocês verão a triste vida, suspirava ela.

—Mas as outras crianças não nascem também? perguntou Clara.

—Nascem, e acham sempre alguma coisa certa que comer, ainda que pouco... (Assis: 1997, 105)

seja com Cândido Neves e, é nesse momento, que o comportamento desse homem muda e ele age de forma áspera para com a Tia Mônica, pois ela sugere que entreguem a criança à Roda dos Enjeitados:

Foi na última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados(...) Enjeitar quê? Enjeitar como? Candinho arregalou os olhos para a tia, e acabou dando um murro na mesa de jantar (Assis:1997, 107).

Cândido resiste por um tempo à ideia de Tia Mônica, uma vez que desejara muito criar o seu filho. Porém, a situação financeira da família apertava ainda mais e este pai cedeu ao fato de que seria melhor entregar a criança à Roda dos Enjeitados. Ele cuidou de levar o bebê numa noite e, passando por becos que chegariam à Rua da Ajuda, Cândido avistou um vulto e decidiu conferir o que era. Para tal, deixou o seu filho com um farmacêutico e meteu-se a andar pela rua a saber do que se tratava. O vulto era de uma escrava fugida e por ela estava sendo oferecida uma boa quantia em dinheiro para quem a capturasse. Novamente, é perceptível a importância do significado dos nomes na obra machadiana, pois é na Rua da Ajuda que Cândido vê o vulto da escrava. Ambos precisam de ajuda. O pai com a captura da escrava poderia sustentar o seu filho por algum tempo, mas Arminda, a escrava, estava grávida e implorou a Cândido que lhe deixasse ir embora. O pedido foi friamente negado. O pai presenciou a tortura e o consequente aborto de uma

mãe ao entregá-la ao seu senhor. A oportunidade de viver é tão pouca que é necessário matar o próximo para seguir vivendo. Desse modo, a ajuda que um precisava anulava a ajuda para o outro e, assim, o conto termina com a frase dita por Cândido: “nem todas as crianças vingam” (Assis:1997,112) como uma forma de justificar a barbárie, ou até mesmo, livrar-se da culpa pela morte de um inocente, o que demonstra o pessimismo machadiano ao retratar as relações humanas.

Nessa perspectiva, analisando as obras machadianas é perceptível o quanto Machado de Assis faz com que os seus leitores atentem sobre questões acerca das fraquezas humanas, a soberba, a crueldade, o egoísmo e todas as demais mazelas que são concernentes à natureza do homem. Assim, além de “Pai contra mãe”, a novela *O alienista* demonstra essa realidade nos escritos de Machado.

O personagem central dessa novela é o doutor Simão Bacamarte, homem de origem rica e muito dedicado à ciência. Tudo o que ele fazia estava a serviço das suas teorias, do que ele julgava ser bom e beneficiá-lo de alguma forma. Em relação aos seus estudos isto era bom para ele, porque aquilo era resultado de mais uma teoria concluída naquele momento. Considerando a sua vida amorosa, se casou com uma mulher que apresentava boas condições físicas e comportamentais para lhe dar filhos, Simão estava com D. Evarista, sua esposa, única e exclusivamente pelas questões biológicas favoráveis que ela tinha; a ciência, para o doutor, estava em primeiro plano até mesmo no tocante à relação amorosa:

Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes (Assis:1997, 39).

Era ela, a ciência, a força motriz que regia todas as coisas. Era o motivo e a finalidade de tudo, Simão analisava o conjunto cientificamente:

Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os

interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte (Assis:1997, 39).

Contudo, a ciência o surpreendeu negativamente, pela primeira vez no conto, quando a anatomia favorável de sua esposa não lhe concedeu filhos. A primeira pessoa afetada pelos interesses de Simão aliado aos seus estudos, foi a D. Evarista. Inconformado por não ter filhos, dedicou-se ainda mais aos estudos e quis submeter a mulher a uma dieta que, felizmente ou não, foi negada por ela. A partir de então, inicia-se a constante e profunda investigação de um dos mais importantes órgãos de interesse da ciência: o cérebro. Foi dedicando-se ainda mais à ciência que Simão Bacamarte buscava esquecer o desgosto que sua mulher lhe causara pelo fato de não ter gerado filhos. Em Itaguaí, cidade onde estava residindo, o médico aliou os seus estudos científicos às observações que fazia sobre moradores daquela cidade, encontrando nisso a oportunidade de aprofundar as suas pesquisas e abrigar esses indivíduos no que ficou conhecido como Casa Verde, uma espécie de internato para os que precisassem de tratamento. Porém, a iniciativa gerou um juízo de valor por parte dos moradores da cidade. Estaria louco o doutor Simão Bacamarte por causa de sua esposa? Era o pensamento de muitos naquele momento.

A Casa Verde foi inaugurada e pessoas com os mais diversos tipos de especificidades chegaram ao local a fim de serem tratadas pelo doutor Simão. O primeiro resultado de suas pesquisas ocasionou a divisão dos habitantes da Instituição em dois grupos: os furiosos e os mansos; depois, subgrupos: as pessoas que deliravam, as que tinham alucinações e daí por diante. O estudo dos casos consumia-lhe a mente e, novamente, a sua esposa foi afetada pelo interesse pela ciência que sempre estava acima de tudo para Simão Bacamarte; a jovem senhora não recebia a devida atenção e o amor já não se fazia tão presente entre os cônjuges. No decorrer do conto é perceptível o quanto a dedicação à ciência envolvia por completo a vida do alienista, uma vez que até mesmo as suas emoções estavam subjugadas a esse campo que tanto estudara e assim permanecia. Este fato é notório quando a partida de D. Evarista, sua esposa, ao Rio de Janeiro não provocou em Simão nem um rastro de lágrima:

Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. Homem de ciência, e só de ciência, nada o consternava fora da ciência; e se alguma coisa o

preocupava naquela ocasião, se ele deixava correr pela multidão um olhar inquieto e policial, não era outra coisa mais do que a ideia de que algum demente podia achar-se ali misturado com a gente de juízo (Assis: 1997, 47).

Os estudos científicos sobre a mente humana avançavam na Casa Verde e, assim, o alienista delimita a razão e a loucura. A primeira seria o perfeito estado da mente, do cérebro; a outra, qualquer desvio não correspondente à primeira.

A palavra cerne da presente pesquisa, o afeto, encontra-se no sentimento do senhor Costa, um dos internos da Casa Verde, reclusão tal que causou grande inquietação na população de Itaguaí, visto que esse homem não apresentava nenhum transtorno mental, mas era um cidadão honesto e de bom coração. O que desconcertava o Costa era o desafeto, a aversão, o desamor; tanto que metia-se a emprestar dinheiro às pessoas que lhe pediam: “Um verme, entretanto, roía a alma do Costa: era o conceito do desafeto” (Assis: 1997, 52). Louvável seria se a mesma qualidade de ofertar sem esperar retorno coubesse também ao doutor Simão Bacamarte, porém, o interesse pessoal estava acima do que, supostamente, eram as suas boas ações. Prova disso foi a ausência de motivo para a internação do senhor Costa, uma vez que apenas as convicções de Simão importavam: “Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não poderia deixar na rua um mentecapto” (Assis: 1997, 52).

Outras muitas internações sucederam-se da mesma forma, sem motivo real causado por aquilo que Bacamarte considerava algum distúrbio mental. Um dos extremos a que chegou o alienista, foi internar a sua própria esposa. D. Evarista passara algumas horas com a dúvida sobre qual joia usaria no baile da Câmara Municipal, esse fato aliado as suas conversas sobre roupas e a descrição da aparência das pessoas, soou aos ouvidos de seu marido como um tipo de demência e o convenceu de que deveria interná-la na Casa Verde. Assim, a prepotência crescia e, conseqüentemente, afetava a muitos e isso os oprimia. Simão Bacamarte cada vez mais olhava somente para si e para o que a ciência teria a lhe oferecer enquanto crescimento intelectual.

A ciência nunca finda, sempre se renova. Considerando isso e a última experiência de Simão Bacamarte, é possível entender o que o narrador afirma: “Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem” (Assis: 1997, 84). O doutor não se contentaria em parar por aí as suas pesquisas científicas e, assim, chegou à seguinte conclusão:

E cavando por aí abaixo, eis o resultado a que chegou: os cérebros bem organizados que ele acabava de curar, eram tão desequilibrados como os outros. Sim, dizia ele consigo, eu não posso ter a pretensão de haver-lhes incutido um sentimento ou uma faculdade nova; uma e outra coisa existiam no estado latente, mas existiam (Assis: 1997, 85).

Por fim, acredita que ele próprio reúne o perfeito equilíbrio das faculdades mentais e, com as seguintes palavras, interna a si próprio na Casa Verde: “— A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática” (Assis: 1997, 86).

Sendo assim, essa novela demonstra que os diferentes saberes que a ciência proporciona não são suficientes para abrigar as peculiaridades de cada ser humano. O ego que advém desse conhecimento, a duplicidade de caráter por parecer que o desejo é ajudar quando, na verdade, tirar proveito dos casos estudados é um fato ou ainda quando a posição social do outro modera o comportamento de alguém, as atitudes oscilantes, os interesses individuais em primeiro lugar, a falta de afeto, o egoísmo e a indiferença são questões que permeiam tanto o conto “Pai contra mãe” como a novela *O alienista*.

4. As metáforas de poder

Nas obras machadianas não existem coincidências ou acasos, tudo o que ali se narra tem a sua razão de ser, ainda que o leitor nem sempre perceba os motivos de tais expressões, estórias ou linguagem. Nesse sentido, “Pai contra mãe” e *O alienista* contêm metáforas de poder que ilustram como a sociedade da época, estendendo-se consideravelmente até os dias atuais, estrutura-se, por vezes, numa rede de contradições e conflitos.

O início do conto deixa registrado nas entrelinhas a maior representação de poder que será discutida durante toda a narrativa, questão que está centrada na escravidão, pois ela “levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” (Assis: 1997, 102). A palavra “outras” provoca a reflexão sobre as diversas esferas de poder que ocupam a sociedade como um todo e que, nem sempre, são percebidas como tal. O poder público, as culturas dominantes e as religiões são alguns exemplos dessas forças que permeiam e governam as relações sociais, dada a influência que exercem enquanto instituições que movimentam o mercado financeiro ou que tocam as subjetividades humanas. Os “aparelhos” da escravidão aos quais Machado faz menção são também utilizados por essas instituições presentes no século XXI e que permitem questionar se, de fato, a escravidão não existe mais. Ferramentas de exclusão como a falta de investimentos públicos em setores básicos, o rebaixamento de uma cultura em relação a outra e a intolerância religiosa são esses elementos camuflados que, num passado não muito distante, eram fisicamente representados com o “ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de Flandres” (Assis: 1997, 102). Assim como esses atuais instrumentos de tortura, o resultado que eles geram no ser humano são graves, afinal “a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel” (Assis: 1997, 102).

Nessa perspectiva, no conto a metáfora de poder contida na escravidão é concretizada por Cândido Neves, uma vez que “pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei a propriedade [...]” (Assis: 1997, 103). A necessidade de exploração e de exercer o poder sobre a vida do outro não respeitam os limites da civilização em “Pai contra mãe”, sendo possível questionar o que seria ser alguém civilizado, dadas as posições sociais de

Cândido em relação à maior vítima, no conto, da imposição de poder: a criança abortada. Nesse momento, a necessidade encontra-se nos recursos que o desejado filho do caçador de escravos demandaria quando viesse ao mundo, algo que era urgente, pois:

A natureza ia andando, o feto crescia, até fazer-se pesado à mãe, antes de nascer. Chegou o oitavo mês, mês de angústias e necessidades, menos ainda que o nono, cuja narração dispenso também. Melhor é dizer somente os seus efeitos. Não podiam ser mais amargos (Assis: 1997, 107).

Assim, o poder que Cândido impôs sobre Arminda, a escrava, começa antes mesmo do caçador matar o filho da vítima. A origem está no sentimento de posse e superioridade, pois “Cândido Neves parecia falar como dono da escrava” (Assis: 1997, 109) e, ainda, transfere para ela a responsabilidade daquela barbárie: “— Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? perguntou Cândido Neves” (Assis: 1997, 111).

Igualmente, a metáfora de poder é um elemento presente na novela *O alienista*. Simão Bacamarte é o personagem que reúne em si as características que permitem com que domine as situações decisivas que surgem na narrativa, uma vez que ele é um médico influente que sabe utilizar o seu vocabulário de especialista a favor do que precisa. Por esse motivo, as vontades do alienista são sempre impostas e nem mesmo os rumores contrários às suas teorias não prevalecem, pois a reverência e reconhecimento que os habitantes de Itaguaí sentem pelos conhecimentos científicos desenvolvidos pelo médico. A afirmação do crítico literário Luiz Costa Lima no ensaio *O palimpsesto de Itaguaí* auxilia na compreensão da forte influência que Bacamarte exercia sobre a cidade, pois o principal assunto da novela “não é apreensível sem que se compreenda a articulação estabelecida entre três variáveis: ciência, linguagem e poder” (1991, 261).

Simão Bacamarte, o único árbitro do juízo dos outros, juntamente com a ciência que está longe de ser neutra, manipula e impõe, submetendo a Câmara dos Vereadores e o povo a uma espécie de discurso tão bem elaborado que chega a não comportar questionamentos capazes de tirar o poder do alienista. É essa articulação entre ciência e linguagem técnica que faz com que Simão fosse

(...) à Câmara, onde os vereadores debatiam as propostas, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimentos dos doidos pobres (Assis: 1997, 41).

Após isso, “empossado da licença começou logo a construir a casa” (Assis: 1997, 41). Assim, começando pela construção da Casa Verde e passando por todas as teorias estudadas e criadas, a Câmara aprova os projetos do alienista, sendo submissa a ele. Simão era tão influente que nem mesmo um componente do governo, que era contrário aos ideais do doutor, foi capaz de impedir os planos do protagonista:

(...) e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil.

— Os cálculos não são precisos, disse ele, porque Dr. Bacamarte não arranja nada. Quem é que viu agora meter todos os doidos dentro da mesma casa?

Enganava-se o digno magistrado; o médico arranhou tudo (Assis: 1997, 41).

A loucura aparece na novela como forma mascarada de exercitar a crítica em relação às condutas morais presentes na sociedade. Contudo, mais do que isso, esse tema é o caminho para a temática central da história, o poder. Assim, Machado escreve um texto político, esfera essa que se articula com a ciência, num jogo de forças, organizando a sociedade em loucos e os que não eram, segundo Simão Bacamarte, e determinando as normas para seu funcionamento. A relação entre ciência, na figura de Simão, e política, representada pela Câmara, é a aliança mais forte e decisiva durante toda a narrativa. Quando o doutor Simão vê como “normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades” (Assis: 1997, 76) é ele juntamente com a o consentimento da Câmara os responsáveis por decidirem o futuro dos que antes eram considerados loucos. Para isso, a relação entre o alienista e os governantes se estabelece por meio de um ofício em que Bacamarte diz:

(...) 4, que à vista disso declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nela as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5, que tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda natureza, esperando da Câmara igual dedicação; 6, que restituiria à Câmara e aos particulares a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte efetivamente gasta com alimentação, roupa etc.; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e arcas da Casa Verde (Assis: 1997, 76-77).

Após esse trecho, o narrador afirma que “vão assim as coisas humanas! No meio do regozijo produzido pelo ofício de Simão Bacamarte, ninguém advertia da frase final do § 4, uma frase cheia de experiências futuras” (Assis: 1997, 77) como uma forma de criticar, implicitamente, o controle da população que estava no domínio da ciência e política.

Simão Bacamarte, o único árbitro do juízo dos outros, juntamente com a ciência que está longe de ser neutra, manipula e impõe, submetendo a Câmara dos Vereadores e o povo a uma espécie de discurso tão bem elaborado que chega a não comportar questionamentos capazes de tirar o poder do alienista. É essa articulação entre ciência e linguagem técnica que fez com que Simão fosse “(...) à Câmara, onde os vereadores debatiam as propostas, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimentos dos doidos pobres” (Assis: 1997, 41). A Câmara, por sua vez, aprovou os projetos que Bacamarte expunha, começando pela própria construção da Casa Verde.

Outro episódio na novela que concentra o jogo pelo poder é a revolta dos Canjicas. O barbeiro Porfírio, líder do movimento, insatisfeito com as influências e poder exercidos por Simão, conta com a ajuda dos habitantes de Itaguaí e dos militares para demolir o hospício, tendo as frases de ordem “Morte ao alienista” e “Abaixo a Casa Verde”. Os participantes da revolta invadem a Câmara dos Vereadores e, assim, Porfírio assume o governo, procurando o alienista logo após. Apesar de ter comandado uma revolta, o barbeiro chega a dizer para Simão que não possui intenções de vandalizar nada, mas que precisa da ajuda do doutor para alcançar a confiança dos principais da vila. Porém, Simão

precisava considerar alguns pontos em seu projeto de acabar com a loucura na cidade, o que gera o pedido do barbeiro:

Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos uma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer. Um dos alvitres aceitáveis, se Vossa Senhoria não indicar outro, seria fazer retirar da Casa Verde aqueles enfermos que estiverem quase curados e bem assim os maníacos de pouca monta etc. Deste modo, sem grande perigo, mostraremos alguma tolerância e benignidade (Assis: 1997, 71).

O pedido de Porfírio que, possivelmente, se transformaria em uma aliança fez com que o doutor Simão enxergasse no barbeiro “Dois lindos casos!” (Assis: 1997, 72), pois a duplicidade de caráter e a audácia do líder da revolta eram os sintomas. Sendo assim, o que ficou conhecido como revolta dos Canjicas, na novela, compõe a metáfora aos movimentos que são apenas estratégias para chegar ao poder sem nenhuma preocupação de fato com o coletivo, mas que conseguem atingir seus objetivos porque as classes populares que serão excluídas dos benefícios da conquista ajudam esses movimentos a ganharem força.

5. Análise comparativa dos personagens: o outro que não me afeta

Sabe-se que toda obra clássica possui em si mesma a particularidade de perpassar os séculos mantendo a sua importância, os significados e a possibilidade de conectar-se com escritas atuais. Desse modo, o conto e a novela analisadas dialogam entre si e com o seguinte trecho contido no texto do cronista e ensaísta literário uruguaio Hugo Achugar:

O outro é aquele que não sente o que eu sinto, que não crê no que eu creio, que não pensa o que eu penso, que não ama o que eu amo (...) O Outro reza diferente, tem uma história diferente, uma biblioteca diferente. O outro usa chapéu, argola nas orelhas, nos lábios, no nariz. O Outro me odeia. Eu odeio o Outro (Achugar: 2006, 314-315).

Os personagens que são objetos de análise Cândido Neves, Tia Mônica e Simão Bacamarte podem ser inseridos na citação de Hugo Achugar, pois considerando que jamais percebem o outro e que essa é a base de toda a miséria humana, esses três personagens agem de acordo com o que consideravam ser o melhor para si próprios, o que desencadeia o drama em “Pai contra mãe” e *O Alienista*. As fraquezas humanas, o ego, o eu em primeiro lugar, o olhar que somente enxerga o “outro” e não o “nós”, tão presentes nas obras machadianas, são as características que marcam e entrelaçam Cândido Neves, Tia Mônica e Simão Bacamarte.

O narrador, em ambas as obras, mantém um posicionamento distante dos personagens em relação aos julgamentos de suas atitudes; o que não impede o leitor de perceber o quão afetadas as pessoas são por estes três personagens: a Tia Mônica afeta Cândido Neves ao aconselhá-lo a entregar o seu filho recém-nascido à Roda dos Enjeitados, Cândido afeta a escrava que, conseqüentemente, afeta a criança que está no seu ventre. Em *O alienista*, Simão Bacamarte é afetado pela curiosidade científica e isso afeta as muitas pessoas que por ele são internadas. Assim como o trabalho de Cândido, o de Simão também servia para “pôr ordem à desordem”. A manutenção da moral e dos bons costumes em ambas as obras não se prestavam a uma ajuda solidária para o bem-

estar das pessoas, mas estava a serviço e era mantida por alguém que, de forma imposta, considerava-se superior pelos mais variados — e questionáveis — motivos.

A máscara de Flandres, em “Pai contra mãe”, era utilizada com o intuito de provocar comportamentos moralmente desejáveis. Tratava-se de um instrumento de tortura, assim como a Casa Verde na novela, uma vez que ambas as ferramentas puniam atitudes que fugiam da ordem socialmente esperada, ordem essa que era controlada por quem subjuguava seres humanos reduzindo-os ao nada. A sobriedade e a honestidade, presentes nas primeiras linhas do conto certamente compunham, em um dos últimos estudos de Simão, o ideário para que uma pessoa fosse internada na Casa Verde pelo médico, quando ele diagnosticava que tais comportamentos bem vistos socialmente eram, na verdade, algum distúrbio mental.

As duas narrativas começam com os personagens sendo boas pessoas. Cândido é um homem manso e Simão é um doutor que ajuda os outros a se tratarem de desvios comportamentais, pacientes dignos de caridade e compaixão. A história de Cândido é marcada pela pobreza, pela falta de um emprego fixo e por não possuir condições financeiras nem mesmo para ser pai. Mas, ao final do conto e da novela, a imagem dos personagens muda aos olhos do leitor, porque Candinho se vale da vida de uma mulher em favor da vida do seu filho, e Simão por internar pessoas que não possuem problemas psicológicos, mas que ele julga ser necessário o tratamento, chegando a internar a si próprio.

Simão Bacamarte por acreditar que estava fazendo o bem, sem levar em consideração as reais intenções do médico, assim que começou seus estudos sobre a loucura, ele usou a religião como argumento para o que estava fazendo:

— A caridade, Sr. Soares, entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de S. Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada” (Assis: 1997, 42).

Essa fala é mais um artifício usado pelo alienista para conseguir dar mais força ao seu discurso persuasivo, pois ninguém duvidaria de um homem inteligente, muito estudioso e dedicado que traz em suas palavras passagens das Sagradas Escrituras; assim, a religião é o outro elemento a seu favor. Porém, o interesse não deixava nunca de estar por trás de suas ações, pois cada atendimento estava disfarçado pela necessidade de usar os internos como objetos para as suas novas teorias científicas. Cândido também acreditou que estava realizando uma boa ação, em parte o era se for levado em consideração a vida do seu filho, fazendo com que a justifique a sua atitude de deixar perecer uma criança no ventre em prol do seu filho já nascido, e isso é notável em sua última fala no conto: “nem todas as crianças vingam” (Assis: 1997, 112).

Em se tratando do modo de portar-se dos personagens, o duplo comportamento de Candinho, manso e agressivo, demonstra a oscilação de pensamentos em Simão Bacamarte também, porque ora ele interna pessoas que achava que tinha algum distúrbio psicológico, ora ele as solta e prende outras que antes considerava normais. As mudanças estão a serviço do que mente julga ser necessário naquele momento, a razão comanda boa parte das atitudes, não todas, pois Cândido também age com a emoção quando não quer levar o seu filho à Roda dos Enjeitados, mesmo sabendo que não teria condições de criá-lo. Quando Simão dividiu as pessoas que moravam na Casa Verde em duas classes: furiosos e mansos, e em subclasses: monomanias, delírios e etc, Cândido se encaixaria perfeitamente no primeiro quadro classificatório e seria objeto de estudo desse doutor, pois a depender da pessoa a qual Cândido se dirigia, uma personalidade era evidenciada. Contudo, uma característica comportamental que os diferenciava era o fato de que o foco e a ambição que se encontravam em Simão não se encontravam em Cândido, visto que até mesmo o capoeirismo, emprego não fixo, evidenciava isto no caçador de escravos. Entretanto, Cândido ainda mostrou que guardava algum foco quando era preciso, prova disso é a caça que faz para capturar a escrava.

A conclusão a que chegou o boticário, em *O alienista*, quando Simão tirou do internato todos os pacientes que estavam na Casa Verde, evidencia uma qualidade que faltou a Simão e a Cândido: “Não menos íntima ficou a amizade do alienista e do boticário. Este concluiu do ofício de Simão Bacamarte que a prudência é a primeira das virtudes em tempos de revolução” (Assis: 1997, 78). A prudência, se fosse considerada, não teria causado o caos na vida das pessoas afetadas pelo caçador de escravos e o alienista. O devido equilíbrio por parte de Cândido evitaria que uma criança fosse

abortada, pois ele saberia dosar e colocar em pesos de mesma medida de importância a vida do seu filho e a do filho da escrava. Ambos eram seres humanos, ambos precisavam viver. De igual modo, faltou o bom senso a Simão Bacamarte. É possível imaginar quantos traumas, quanta ausência desnecessária, quantos medos o ego desse doutor causou em muitas famílias.

Quando é tirado de Simão o que lhe fazia afetar negativamente as pessoas, a busca constante por novas teorias científicas, que era o seu instrumento de tortura, ele se assemelha a Cândido, homem simples e sem status e a natureza de ambos se encontram:

Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão. Vede a diferença: — só se lhe notava luxo naquilo que era de origem científica; o que propriamente vinha dele trazia a cor da moderação e da singeleza, virtudes tão ajustadas à pessoa de um sábio (Assis: 1997, 84).

O mesmo acontece com Cândido nos momentos em que a fúria não o tomava, porque assim ele era apenas uma pessoa comum que buscava meios de sobreviver, sem se impor, sem constranger, sem silenciar ninguém. O narrador em *O alienista* ao afirmar: “Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada” (Assis:1997,86) dialoga com o fato de que Cândido também não alcançou nada concreto, pois o dinheiro que conseguiu com a captura da escrava não duraria para sempre, logo teria que voltar a exercer escrúpulos para continuar a sustentar o seu filho e família; além disso, o conto termina sem dizer se Cândido conseguiu algum emprego fixo. No final de tudo, ambos voltaram a ser o que sempre foram: simples homens.

Considerações finais

Diante de toda a complexidade do real, abordada neste Trabalho de Conclusão de Curso, é válida a reflexão sobre o fato de os textos machadianos não apresentarem respostas prontas. A mente humana é um mistério, é ela que motiva e controla as reações e relações. O desconhecido é uma herança nas obras de Machado de Assis e, assim, o leitor está exposto à alternativa de lidar com o aberto, o não dito. Ao ler o conto “Pai contra mãe” e a novela *O Alienista*, somos despidos de nossas certezas, não duvidando da capacidade que uma pessoa possui de não perceber o outro. Essa raiz humana fincada nos seus próprios interesses é algo que perpassa as gerações, os séculos e, talvez, jamais poderá ser compreendida em sua totalidade por alguém que procure entendê-la.

Ronaldes de Melo e Souza, em *O romance tragicômico de Machado de Assis*, diz que “a ficção tem o poder de se impor ao leitor, porque não há outro meio de se ter acesso ao universo em que se exerce a experiência humana” (Souza: 2006, 51). É por meio do universo ficcional que Machado percorre questões históricas que não estão desassociadas das questões humanas e, nessa dupla articulação, o conto e a novela constituem importantes objetos de estudo para entendermos literatura e história. A visão crítica de Machado sobre temas como a escravidão, ciência e política pode ser percebida ao longo desta pesquisa como elementos que estão interligados, justificando-se uns nos outros.

Dessa forma, é possível perceber que os textos machadianos são, antes de tudo, políticos, visto que essa esfera está ligada à literatura em muitos momentos. Além disso, a irreverência ao tratar de assuntos complexos ao mesmo tempo que evidencia a dureza de certas realidades é um dos fatores que tornaram possíveis a aproximação, em determinados pontos, entre “Pai contra mãe” e *O alienista*. Ainda que apresentem a diferença temporal de vinte e quatro anos da primeira publicação da novela em relação ao conto, ambas as obras tornaram-se atemporais porque podem ser lidas atualmente com a mesma importância histórica e social de quando foram escritas, além da grande contribuição que deram ao cenário da literatura brasileira, visto que tratam de assuntos atuais e futuros mesmo sendo do século passado. Afinal, um clássico sempre perdura na história.

Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. O outro, vínculos e “desvínculos”. In: *Pré-texto para um salão municipal*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 313-318.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O alienista. In: *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Klick, 1997. p. 39-86.

_____. Pai contra mãe. In: *Contos escolhidos*. Rio de Janeiro: Klick, 1997. p. 102-112.

_____. *Crônicas*. Seleção e apresentação de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

BASTOS, Dau. *Machado de Assis: num recanto, um mundo inteiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

COSTA LIMA, Luiz. O palimpsesto de Itaguaí. In: _____. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 253-65.

DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Machado de Assis afro-descendente*. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Ática, 2009.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. *O romance tragicômico de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.